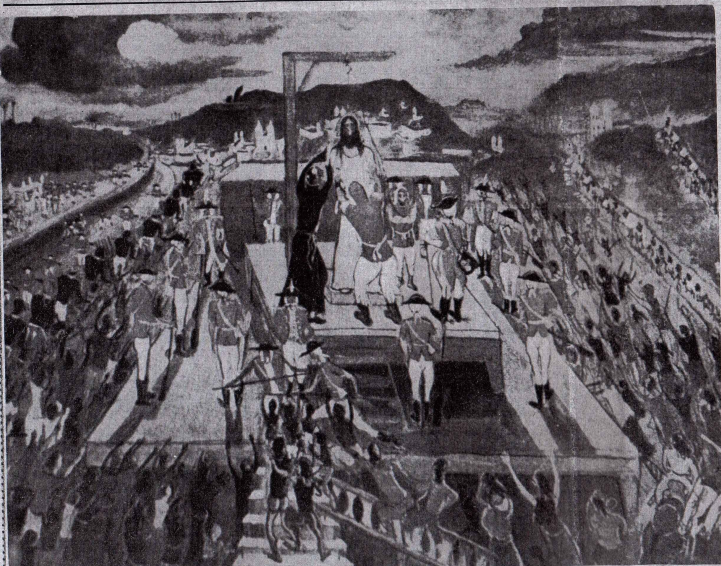


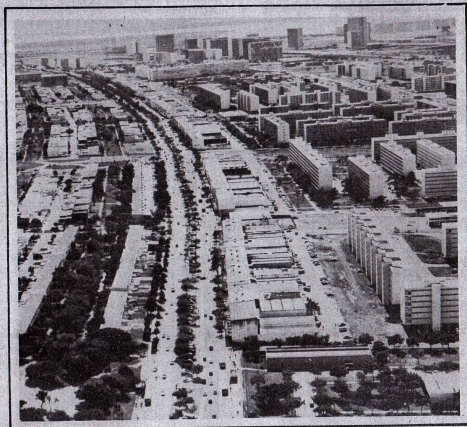
CORREIO BRAZILIENSE

Órgão dos "Diários Associados". Londres, 1808, Hipólito José da Costa. Brasília, 1960, Assis Chateaubriand
Brasília, sexta-feira, 21 de abril de 1972

3
caderno
cultural



"Execução de Tiradentes", óleo sobre tela de Alberto da Veiga Guignard (Coleção Juscelino Kubitschek)



Quinze anos depois

E. A. Graeff

Romance do animoso

Brasília era ainda pouco mais do que um sonho, quando estudantes de arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul solicitaram-me uma apreciação crítica do Plano que vinha de vencer o concurso realizado. Finalizei meu tímido trabalho com as seguintes observações:

"As ideias e as aspirações dos homens avançam constantemente e cada dia a técnica dá um passo à frente. O urbanista que não desaja ver seus planos ridicularizados pela vida só tem um caminho a seguir: fazer da estrutura urbana uma soma arcaica umas centenas de arquitetos,

possam travar a mais viva luta de tendências artísticas (...). Parece fora de dúvida que Lúcio Costa pretendia fazer isto e que, indiscutivelmente, o alcançou em elevado grau, assegurando para Brasília, até o fim, um profundo e muito claro conteúdo humano" (Editor E. A. Graeff - Brasília, dois caminhos para a arquitetura - Revista Brasileira, n. 12, Set.-Out. 1957 - São Paulo).

"Mas já então procurava-se atribuir ao Plano qualidades e defeitos que ele não possuía. E, por via das dúvidas, busquei apoio para meu ensaio crítico através do desenho que Saint-Exupéry, menino ainda, mostrava às pessoas gran-

lhores: humanizar o canteiro de construção. Mas o processo ingenuamente desencadeado assumiu a feição de um novo ato do "Aprendiz de Feiticeiro": em pouco tempo a W3 foi completamente tomada por lojas, restaurantes, casas bancárias, curtiúcos, transformando-se numa dessas "ruas do comércio" que fazem o orgulho de cidadelinhas provincianas.

Desse modo, a partir de uma boa intenção, e de alguma mitologia, acabou-se, praticamente sem apenas uma via, mas todo o sistema viário

Alferes

Cecilia Meirelles

Que importa, que o siam e que esteja inerm, vigiado e vencido?

Por vulto solete? Que importa, se o prendem?

A teia que tece talvez em cem anos não se desenrede!

Toldado? Gonzaga? Alceus e Glaucetes?

- Nenhum companheiro seu lábio revele.

Que a língua se cale. Que os olhos se fechem.

(Lá vai para a frente o que se oferece

para o sacrifício, na causa que serve. Lá vai para sempre o amimos Alferes!)

Adeus aos caminhos! - montes, águas, sebes, ouro, nuvens, ranchos,

cavalos, casebres... Olham-no de longe os homens humildes. E nos ares ergue

a mão sem retorno que um dia os liberta.

(Pois que importa a vida? Aqui se despede do sol da montanha, do aroma silvestre:

- venham já soldados que a prender se apremem; venham já meirinhos que os bens lhe sequestram;

- venham, venham, venham... - que sua alma excede escrituras, carrascos, juizes, chanceleres, frades, brigadeiros, maldicoes e preces!

Venham, venham, matem: ganhará quem perde.

Venham, que é o destino do amimos Alferes.)

De olhos espantados, do rosilho deuse.

Terra de lagoas onde a água apodrece. Janelas, esquadras, escadas... - parece que há sombras que o espreitam, que há sombras que o seguem...

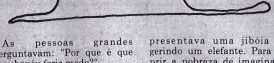
Falas sem sentido acaso repete, - pois sente, pois sabe que já se acha entregue.

Perguntas, masmorras, sentença... Recebe tudo além do mundo...

E sem somno agradece, o auidaz, o valente, o amimos Alferes.

segui: fazer da estrutura urbana uma série de intervenções de arquitetos, traduzindo as ideias e aspirações dos homens de cada geração e utilizando os sempre renovados recursos da técnica.

Esperary, menino ainda, mostrava às pessoas grandes mudando-se as áreas de lazer e assim o primeiro desenho do poeta:



As pessoa grandes perguntavam: "Por que é que um chapéu faz medo?"

Ocorre que o desenho não representava um chapéu. Res-



O vigor do Plano de Lúcio Costa revela-se com clareza no comportamento dos diferentes administradores que a cidade já teve. Brasília foi concebida num tempo em que a ideia e a prática do planejamento eram embrionários entre nós. Ainda nos anos de 50 cada autoridade administrativa avançava-se no "poder" com ares de baronete em seu feudo e com arrogâncias de "coronel" na sua estância. Administrar encerrava-se ainda muito das ideias e das ideias de mandar e desmandar, e muito pouco da ideia de servir como bom funcionário da coletividade. O primeiro ato do novo Chefe consistia, realmente, em revogar os planos e projetos do governo anterior. E o segundo ato assumia, não raro, a forma de uma ordem de paralisação de obras ou projetos eventualmente iniciados pelo antecessor.

Não sei em que medida esses métodos mudaram no país. Mas em Brasília algo do novo ocorreu.

No relatório do Plano, Lúcio Costa explica, sem deixar margem a dúvidas, qual a função reservada para W 3: "Ao fundo das quadras estende-se a via de serviço para o tráfego de caminhões, destinado-se ao longo dela a frente oposta às quadras à instalação de garagens, oficinas, depósitos do comércio em grosso, etc."

O primeiro administrador do empreendimento decidiu que seria desumano privar os construtores de um centro de serviços, de um lugar capaz de, bem ou mal, cumprir as funções de criação da cidade e permitiu que num pequeno trecho da via de serviço se instalassem alguns cafés e restaurantes, um cinema, repartições públicas, lojas. Como se vê, a intenção foi das mes-

miopia - afetou-se a administração não apenas a uma fase do sistema da cidade, circulação e o ritmo de circulação e a construção do equilíbrio da incipiente vila urbana. E para o observador atento já são visíveis as crescentes manifestações particularmente dos motoristas.

Contudo, nenhum administrador manifestou até hoje a intenção de procurar deter o processo de distorção das funções da W 3.

Via de regra, os administradores ignoraram o problema, por completo, ou por inércia, ou por motu proprio, ou por incompetência, ou por molhos que nosa vil sabedoria não consegue alcançar. E quando, quebrando a regra, um deles resolveu atacar o problema de frente, parece equivocou-se quanto a posição do "front", tudo acertado no sentido de confirmar a W 3 nas funções de "rua do comércio".

Realmente, nada se fez ainda visando a recondução da cidade aos caminhos traçados no Plano A. Ao contrário, procurou-se "corrigir" o Plano, corrigindo-o no longo do W 2, para fazê-lo uma via contínua, na ilusão de que com isso seriam aliviadas as condições de trânsito na W 3. (Em lugar de selecionar e dificultar o trânsito na via de serviço, procura-se generalizá-lo e facilitá-lo, como convém a uma "rua de comércio" que não se manifestou-se novamente, agora em mais jovem e saudável fase. Por sorte, tais mazelas parecem ser somente as exceções necessárias à confirmação da regra de crescimento saudável.)

Evitemos o tédio de um longo relatório sobre pequenas deficiências reveladas no curso da construção e concentremos nossa atenção no caso da W 3, que é mais grave e esclarecedor do que parece à primeira vista.

No relatório do Plano, Lúcio Costa explica, sem deixar margem a dúvidas, qual a função reservada para W 3: "Ao fundo das quadras estende-se a via de serviço para o tráfego de caminhões, destinado-se ao longo dela a frente oposta às quadras à instalação de garagens, oficinas, depósitos do comércio em grosso, etc."

O primeiro administrador do empreendimento decidiu que seria desumano privar os construtores de um centro de serviços, de um lugar capaz de, bem ou mal, cumprir as funções de criação da cidade e permitiu que num pequeno trecho da via de serviço se instalassem alguns cafés e restaurantes, um cinema, repartições públicas, lojas. Como se vê, a intenção foi das mes-

Para vislumbrar o elefante lá dentro já não se requer imaginação, sensibilidade e fantasia criadora - basta um pouco de senso comum, um mínimo de discernimento; nem a culpa da descontinuidade da W 2, nem a descontinuidade do V 1, nem o surgimento do centro de serviços, nem os salinos luminosos, nem a multiplicação dos guardas de trânsito e nem o controle da velocidade promoverão condições satisfatórias de circulação na W 3 no estado atual. Não será realmente possível a partir da reconstrução da estrutura orgânica de Brasília, reconstituindo que se fara na medida em que cafés, lojas, restaurantes, casas bancárias, lojas, supermercados foram levados a desocupar a via de serviço, permitindo que ela cumpra suas funções. Para os estabelecimentos que estão subvertendo a ordem urbana foram previstos espaços específicos, nos setores comerciais e residenciais, e de diversões.

Pelo monte claro, pela selva agreste que marco, de roxo, mistico enfiorecesce, cavalga, cavalga o amimos Alferes.

Não há planta obscura que por ali medre de que desconheça virtude que encerre, - ele, o curandeiro de chagas e febres, o hábil Tiradentes, o amimos Alferes.

Por aqui, descansas; ali, se despede, que por toda parte o povo o conhece.

Adeuses e adeuses, sinceros e alegres: a amigos, mulatas, cativos e chefes, coroneis, doutores, padres e almocreves... Adeuses e adeuses, - que rápido segue, a mover os rios, a botar moinhos e barcos a frete lá longe, lá longe, o amimos Alferes.

Mas, dourado e roxo, o campo alvorece. Desmacham-se as brumas nos prados celestes. Acordam as aves e as pedras repetem músicas, ramoses, do dia que cresce.

Move-se a tropilha: que outra vez se apreste o macho rosilho do amimos Alferes.

Adeuses e adeuses... Talvez não regresses. (Mas que voz estranha para a frente o impelir?) Cavalga nas nuvens. Por outros padecer. Agarra-se ao vento...

Nos ares se perde... (E um negro detendo-nos seus passos conhece: fareja-lhe o sonho e em sombra persegue

o auidaz, o valente, o amimos Alferes.)

Ninguém que proteste! Se fossa, como ele, a alto somno entregue!)

Suspiram as aves. A tarde escurece. (Voltará fidalgo, livre de reveses, com tantos cruzados...)

Discute. Reflete. Brinda aos novos tempos! Soldados, mulheres, estalajadeiros,

- a todos diverte. (Por todos trabalha, a todos promete sossego e ventura o amimos Alferes.)

No rancho descansas. Deita-se Adornesca. Penosa, a jornada, mas o sono, leve: qualquer sopro acorda o amimos Alferes.

Deus, no céu revoltoso, seu destino escreve. Em baixo na terra, ninguém o protege: o é talpido, o louco, - o amimos Alferes.

Mas, dourado e roxo, o campo alvorece. Desmacham-se as brumas nos prados celestes. Acordam as aves e as pedras repetem músicas, ramoses, do dia que cresce.

Move-se a tropilha: que outra vez se apreste o macho rosilho do amimos Alferes.

Adeuses e adeuses... Talvez não regresses. (Mas que voz estranha para a frente o impelir?) Cavalga nas nuvens. Por outros padecer. Agarra-se ao vento...

Nos ares se perde... (E um negro detendo-nos seus passos conhece: fareja-lhe o sonho e em sombra persegue

o auidaz, o valente, o amimos Alferes.)

Ninguém que proteste! Se fossa, como ele, a alto somno entregue!)